

CABECEIRA

## Nova York brasileira

*Nova York do Oiapoque ao Chuí – Relatos de Brasileiros na Cidade Que nunca Dorme, conta a vida de brasileiros que, assim como a autora Tania Menai, escolheram a cidade como morada*

Eles deixaram suas raízes, conhecidos e família e mudaram para a cidade onde tudo acontece. São engraxates, advogados, jornalistas e mais uma porção de profissões que se diluem no 1 milhão de brasileiros que, segundo o consulado brasileiro em Nova York, vivem no país.

A jornalista Tania Menai, moradora de Manhattan há 12 anos, não analisa questões antropológicas, tampouco faz qualquer tipo de julgamento. Ela, como boa jornalista, ouve histórias, motivos e impressões. O resultado é uma deliciosa seleção de personagens ligadas a uma cidade que nunca dorme. Leia, aqui, um bocado do que o livro oferece:

“ Levanto às quatro da manhã, vou ao mercado, procuro as melhores flores. Tenho conexão com os plantadores locais, eles me dão o caminhão cheio delas. Saio do mercado, venho para a loja e começo a trabalhar. Às vezes há uma fotografia para preparar, um arranjo para fazer, o telefone não pára. Faço decorações na casa das pessoas para jantares, almoços, restaurantes, batismos – é um *full day*. Nenhuma parte do mundo lhe oferece tanto quanto Nova York. Você pode ir a Paris, Los Angeles, Londres. Nada é como Nova York. É incrível a energia, a força – para onde você olha, aprende algo, e vai absorvendo tudo isso. Você anda na Quinta Avenida, vê uma vitrine; você olha para um ônibus, vê uma propaganda. *There is no other place like New York. This is the big empire of the world.*”

Zezé, floricultor. Em Nova York desde 1970

“ Como se trata de brasileiros debatendo – ao contrário dos americanos que falam com começo, meio e fim – o programa sempre foi difícil de ser editado. O Nelsinho [*Nelson Motta*] opinava, aí o Paulo Francis falava outra coisa, aí o outro falava. E o diretor, até hoje, é um americano que não fala português. O rapaz do som também não fala português. Então eu sempre tive que dirigi-los – e eles passaram a saber tudo por osmose. Mas, quando começava a falação, às vezes a gente não conseguia fazer o Francis mudar de assunto. Ele não queria falar sobre a guerra do Iraque, que era a pauta – ele queria falar que ‘hoje, fui num filme, e vi uma exposição’. E a gente falava, ‘Francis, essa história você já contou’. E ele falava que queria contar mais uma vez.”

Angélica Vieira, produtora do programa *Manhattan Connection*. Em Nova York desde 1987

FOTOS: ZEZÉ, ANGÉLICA E CARLOS ALCIR DA SILVA. FOTO MAUCHA GUTO BERTAGNOLLI

“ Veja que interessante: em Nova York, quando a mulher é jovem, ela quer aparentar ser mais velha. Mais séria. Esse lado profissional e a maneira de se vestir de uma mulher aqui é muito intenso aos 20 e poucos anos. À medida que ela vai ficando mais velha e mais segura, e já está melhor posicionada profissionalmente e socialmente, ela quer voltar muito a ser sexy. E meus vestidos vão ao encontro disso. No Brasil, tenho um público muito jovem, com menos de 30 anos. E aqui eu tenho um público muito mais maduro do que jovem, acima dos 30 anos e pessoas mais velhas. Acho interessante como a vida aqui favorece as pessoas mais maduras. No Brasil, parece que a juventude vai acabar cedo e que depois não existe mais felicidade – e que aos 40 ou 50 anos você já está velho. Aqui não: aos 60 anos, os *baby boomers*, a geração do Mick Jagger, estão espalhados por essa cidade. Há dignidade nas pessoas mais maduras; parece que o país é feito para elas. Você vai aos restaurantes da moda em São Paulo e você só vê jovem. Você vai num restaurante da moda em Nova York, a maioria das pessoas é madura. Elas saem, querem comprar roupas, querem se vestir, querem se sentir desejadas.”

Carlos Miele, fashion designer. Em Nova York desde 2002

“ Eu estava em Nova York quando o Tom Jobim morreu. Foi delicado. Certo dia estávamos na casa dele aqui em Manhattan. Era véspera de ele se internar para fazer a nova operação. Estávamos ele, a Ana [*esposa*], o Paulo [*filho*], minha irmã Muíza e eu. Lembro que ele disse: ‘Vamos dar as mãos aqui?’ Aí a gente deu as mãos. E ele falou: ‘Não é à toa que estamos aqui agora’. Só. E a gente ficou ali um pouquinho de mãos dadas. E foi muito bom. Interessante... É aquela coisa que a gente não esquece. Tinha uma certa tensão. Certamente ele estava muito apreensivo, quase sabendo que aquilo não ia dar certo. Aliás, eu digo ‘quase’, mas eu acho que ele sabia inteiramente que aquilo ali não ia dar certo. Mas, enfim, só quando acontece o final é que você fica sabendo mesmo que o negócio vai ser aquilo.”

Maucha Adnet, cantora. Em Nova York desde 1987

